



Dossiê

Lideranças, testemunhos e profetismo religioso na América Latina

doi: 10.20426/P.2178-8162.2016v7n16p395

UMA ANÁLISE SOBRE AS RELAÇÕES TEMPORAIS E A PERSPECTIVA DE TEMPO PROFANO E TEMPO SAGRADO: DAS RELIGIÕES MONOTEÍSTAS À RELIGIOSIDADE DO PÓS-MODERNO

ANALYSIS ON THE TEMPORAL RELATIONS AND THE PROFANE AND
SACRED TIMES' PERSPECTIVE: FROM MONOTHEISTIC RELIGIONS TO
POSTMODERN RELIGIOSITY

Cristine Fortes Lia*

Lara Moncay Reginato**

RESUMO

O presente artigo visa analisar a relação entre as temporalidades e a percepção de tempo profano e tempo sagrado nas religiões monoteístas e na religiosidade do pós-moderno, por meio de uma revisão bibliográfica sobre a temática. Está embasado na proposição teórica desenvolvida por Reinhart Koselleck sobre a relação entre passado “campo de experiência” e futuro “horizonte de expectativa”. Podendo-se concluir uma sensível diferenciação no que tange a percepção temporal passado-futuro. Além disso, o tempo profano e sagrado, que fora muito bem delineado pelas religiões monoteístas, se encontram mesclados sob uma perspectiva muito mais subjetiva e pessoal, na religiosidade do pós-moderno.

Palavras chaves: temporalidade, tempo sagrado, religiões monoteístas, religiosidade do pós-moderno.

ABSTRACT

The present paper aims to analyze the relation between temporalities and the perception of the profane and sacred times in the monotheistic religions and in the postmodern religiosity,

*
**

through a literature review about the theme. It is rooted in the theoretic proposition developed by Reinhart Koselleck about the relation between past "field of experience" and future "expectation horizon". It may be concluded a sensitive differentiation in respect to past-future time perception. Besides that, the profane and sacred times, which were very well delineated by the monotheistic religions, found themselves mixed under a more subjective and personal perspective, in the postmodern religiosity.

Keywords: temporality, sacred time, monotheistic religions, postmodern religiosity

1-INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas do século XX, acreditava-se que o XXI inauguraria um período de grande movimentação rumo ao ateísmo. O terceiro milênio seria pouco marcado pela religiosidade. No entanto, os primeiros anos deste século foram marcados por uma intensa vida religiosa, quer seja pela experiência dos grupos extremistas ou pelo surgimento de novas correntes religiosas.

No caso do Brasil, o censo de 2010 (TEIXEIRA, MENEZES, 2013) evidenciou estabilidade no número de ateus. No entanto, também verificou um crescente número de adeptos de novas correntes religiosas, marcando o declínio das religiões tradicionais. Parte dos fieis das práticas religiosas contemporâneas constituem o grupo dos auto-denominados sem religião.

Os que auto declaram não possuírem religiosidade vem despertando uma série de estudos acadêmicos. São indivíduos que não se vinculam institucionalmente a nenhuma igreja, mas mantêm sua fé. Estas crenças passam por diferentes experiências, sem o cumprimento de dogmas específicos (TEIXEIRA, MENEZES, 2013), permitindo ao indivíduo à experimentação de diferentes trajetórias espirituais. Inspirada no movimento da Nova Era, dos anos de 1960, esta nova "espiritualidade" vem sendo pensada academicamente como a religiosidade da pós modernidade.

Dentro desta perspectiva, os adeptos da religião da pós modernidade, ou Nova Era, experimentam uma ideia de salvação individual pelas ações do seu cotidiano, não mais pelo cumprimento dos dogmas. Assim, a concepção de tempo sagrado é reorientada, por meio de definições que serão apresentadas neste estudo.



2- Os diferentes tempos do tempo

Tentar conceituar o tempo é praticamente impossível. São tão antigas quanto inúmeras as discussões a respeito nos diferentes campos de conhecimento e não existe um consenso sobre o que, afinal, é o tempo. O tempo somente pode ser sentido como uma percepção subjetiva, algo que se supõe existente em um eterno devir sem que se possa dar a ele materialidade. Segundo José D'Assunção Barros (2013):

Propor definições de tempo é adentrar um desafiador e rico debate que tem envolvido filósofos, cientistas, antropólogos, historiadores e pensadores os mais diversos. [...] Os séculos se passaram, e não se pode dizer que as ambiguidades que envolvem as tentativas de definir o conceito de tempo tenham se dissipado. (p. 30 e 31).

Porém, em detrimento a essa impossibilidade conceitual, se desenvolveu uma apreensão do tempo a partir de outros conceitos como a *temporalidade*¹, nomeando assim a percepção desse tempo que passa e a partir dessa noção temporal subdividindo o tempo em diferentes instâncias como, passado, presente e futuro.

Cabe ressaltar que a percepção dessas três instâncias temporais é resultado de um processo gradativo de apreensão do tempo, ou seja, não faz parte da vida humana desde os primórdios, mas desenvolve-se com e a partir da humanidade e de sua capacidade de relacionar diferentes acontecimentos entre si, conforme Norbert Elias (1998),

Se a significação de “passado”, “presente” e “futuro” está em constante evolução, a razão disso é que os homens a quem esses conceitos remetem e dos quais eles traduzem a experiência estão em constante evolução, e essa relação com a experiência humana vem inscrever-se no sentido desses conceitos. O que são “passado”, “presente” e “futuro” depende das gerações vivas do momento. [...] expressam a relação que se estabelece entre uma série de mudanças e a experiência que uma pessoa (ou um grupo) tem dela. Um determinado instante no interior de um fluxo contínuo só adquire um aspecto de presente em relação a um ser humano que o esteja vivendo, enquanto outros assumem um aspecto de passado ou de futuro.

1A temporalidade segundo Barros (2013) *somente adquire sentido por meio da percepção humana, da imaginação, das vivências do ser humano e pouco, ou nada tem a ver com o tempo físico da natureza. São também produtos da vivência e da percepção humanas estas mesmas dimensões que a temporalidade abarca e define, e que são familiares ao vocabulário cotidiano: o passado, presente e futuro (p.32).*



Em sua qualidade de simbolizações de períodos vividos, essas três expressões representam não apenas uma sucessão, como “ano” ou o par “causa-efeito”, mas também a presença simultânea dessas três dimensões do tempo na experiência humana. Poderíamos dizer que “passado”, “presente” e “futuro” constituem, embora se trate de três palavras diferentes, um único e mesmo conceito. (p.63)

A partir da presente análise, pode-se concluir que a percepção subjetiva do tempo pode estar relacionada tanto a um indivíduo quanto a uma coletividade e como essa coletividade concorda entre si sobre esse tempo que passa. O tempo cronológico (dos calendários e do relógio) tal qual o conhecemos hoje também sofreu alterações e foi de certa forma, aperfeiçoando-se até os moldes contemporâneos.

Existem diferentes tipos de calendários que são utilizados na atualidade e cada um deles se refere mais a sistemas religiosos do que civis. Nas religiões monoteístas, cristãos, judeus e muçulmanos possuem calendários distintos², relacionados ao que consideram como marco inicial de suas religiões. O calendário cristão ou Gregoriano é baseado no movimento do Sol e inicia-se no primeiro ano do nascimento de Jesus. Já o calendário judaico baseia-se no movimento da Lua, porém levam-se em conta as estações do ano e por isso é considerado um calendário lunissolar. Inicia-se a partir da aliança de Deus com Abraão (conforme suas tradições) e atualmente estão no ano de 5776³.

O calendário dos muçulmanos também está baseado no movimento lunar⁴, inicia-se com a Hégira, a fuga de Muhammad (Maomé) da cidade de Meca para Medina e por isso é conhecido como calendário Hegírico. Os muçulmanos estão atualmente no ano de 1437. É importante destacar que o ocidente adota o calendário cristão como oficial. Judeus e muçulmanos quando se referem ao tempo no dia a dia utilizam a datação convencional, sendo que seus calendários e comemorações ritualísticas (em datas específicas e singulares) ficam segregados ao espaço religioso⁵.

2Cada calendário possui diferentes sistemas de meses e de dias que compõem cada mês, assim como cada novo ano é comemorado por razões específicas em meses diferenciados.

3Existe uma pequena divergência na contagem dos anos do calendário judaico, algumas comunidades afirmam que o ano seria 5773 e não 5776.

4Outro exemplo de calendário lunar, utilizado na atualidade, é o calendário chinês.

5É interessante observar que as religiões monoteístas posteriores ao judaísmo não negam sua datação e consideram como válida a aliança de Deus com Abraão. Em realidade, esse fato é o que as une, pois o consideram como a “primeira aliança”.



O relógio é considerado uma das invenções mais antigas da humanidade. Marca o tempo transcorrido em um dia, subdividindo-o em 24 horas. Suas inúmeras adaptações acompanharam o desenvolvimento econômico e tecnológico das diferentes sociedades e são imprescindíveis para a sociedade contemporânea⁶.

Para além das questões primeiras conceituais sobre o tempo e suas medições mais simples e corriqueiras, brevemente expostas acima, existe uma percepção de tempo ainda mais subjetiva e pessoal, ligada a questões de cunho transcendental e/ou religioso. Trata-se de como indivíduos ou determinadas coletividades percebem a utilização e/ou passagem de um tempo que pode ser considerado sagrado.

3- O tempo profano e o tempo sagrado

O tempo considerado profano pode ser entendido como aquele que um indivíduo ou uma coletividade dedica a atividades que estão desprovidas de uma finalidade transcendental⁷ e/ou religiosa. Pode-se exemplificar essa definição aludindo às horas gastas no ambiente de trabalho, no Shopping Center, assistindo um filme, um noticiário, ou ainda, o tempo que se leva de um lugar ao outro. O tempo profano, nas palavras de Mircea Eliade (2010) é considerado como a duração temporal ordinária, na qual se inscrevem os atos privados de significado religioso.

Para tratar do que se considera como tempo sagrado, faz-se necessário definir o que é sagrado. Segundo Jean-François Dortier (2010):

Nas ciências humanas, no começo do século XX, o sagrado era, em geral, confundido com o religioso. Além disso, a noção de “sagrado” ganhava sentido em oposição ao mundo “profano”. O mundo do sagrado era então a transcendência e o além,

⁶Edward Thompson (1998) em seu artigo *Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial*, analisa a mudança da percepção de tempo que passa ser regido pelo relógio, em uma sociedade ocidental que vai se industrializando e modificando suas relações de trabalho, em que o tempo passa a ser considerado “moeda”. Em suas palavras: *essa medição incorpora uma relação simples. Aqueles que são contratados experienciam uma distinção entre o tempo do empregador e de seu “próprio” tempo. E o empregador deve usar o tempo de sua mão de obra e cuidar para que não seja desperdiçado: o que predomina não é a tarefa, mas o valor do tempo quando reduzido a dinheiro. O tempo é agora moeda: ninguém passa o tempo, e sim o gasta.* (p. 272).

⁷O termo transcendental, aqui empregado, remete a questões que não estão relacionadas unicamente a uma religião ou religiosidade específica, mas a vivências e/ou experiências pessoais que modificaram a maneira de determinados indivíduos de se relacionar com o “sagrado”, como por exemplo, as experiências de quase morte ou percepções extrassensoriais ocasionados por usos de diferentes tipos de alucinógenos. Para saber mais sobre o assunto: MOODY Jr, Raymond. *Vida depois da Vida*. São Paulo: Editora Nórdica, 1976.



enquanto o mundo profano era o mundo terreno comum, materialista e sem mistério. [...] Em muitos autores, o sagrado remete a uma visão espiritualista do ser humano, que universalmente seria atraído por uma força interior para o além, a transcendência, o mistério da fé. [...] A sociologia e a antropologia das religiões, a partir dos anos de 1950, vão globalmente abandonando essa visão espiritualista do sagrado para se centrar em práticas, ritos, instituições e o papel social das religiões. [...] Dado que o papel da religião é transcender a morte, o sagrado é sinônimo de vida. [...] É sagrado aquilo que se refere à perpetuação da vida, maldito o que ameaça a sobrevivência. Seja assumindo a figura do “Destino” ou do “Absoluto”, o sagrado teria, portanto, a função de encantar a “vida”, ou seja, a permanência dos seres. (p. 570)

Pode-se afirmar que essas três definições de sagrado embora pareçam diferenciadas e assumam essa diferença conceitualmente, acabam muitas vezes se misturando. O sagrado pode ser sinônimo de religioso estando igualmente incorporado a uma visão espiritualista do homem ou ainda ser considerado aquilo que perpetua a vida, fornecendo a mesma uma finalidade transcendente. O tempo considerado sagrado refere-se então às experiências transcendentais, místicas religiosas, àquelas que de alguma forma remetem os indivíduos ou determinadas coletividades ao encontro com o sagrado, seja por um ritual religioso ou por práticas individuais.

4- As religiões monoteístas e o tempo

As religiões monoteístas embora se utilizem de mecanismos diferenciados para contagem de tempo, com seus calendários específicos já mencionados, possuem uma mesma percepção do tempo. Para judeus, cristãos ou muçulmanos o tempo é linear e teleológico, isto é, possui um “telos” um “fim” a ser atingido (BARROS, 2013:65). Ainda que possuam uma origem diferenciada (a aliança de Deus com Abraão, o nascimento de Jesus ou a Hégira) tudo os conduz ao juízo final e a um determinado paraíso. A salvação depende de como os indivíduos viveram sua vida, mas não ocorre no mundo terreno, o futuro pertence a um mundo extrafísico e fora do tempo.

José D’Assunção Barros (2013) observa que:

Tal como nos atenta Mircea Eliade em *O Mito do Eterno Retorno* (1969), mas também Germano Pattaro em *A concepção cristã*



do tempo (1975), os hebreus com seu “monoteísmo profético”, estariam entre os primeiros – seguidos pelos cristãos – a introduzir como concepção de ordenação cósmica um tempo linear, irreversível, teleológico, através do qual os eventos datados e localizados desempenhariam um papel fundamental para as narrativas bíblicas. (p. 63)

Esses eventos, aos quais se refere Barros, datados e localizados, tratam-se do exercício da vontade de Deus e, referem-se a uma história sagrada. Para Mircea Eliade em seu livro *O sagrado e o profano* (2010) o judaísmo apresenta uma inovação importante.

Para o judaísmo, o Tempo tem um começo e terá um fim. A ideia do Tempo cíclico é ultrapassada. Jeová não se manifesta no Tempo cósmico (como os deuses das outras religiões), mas num Tempo histórico, que é irreversível. Cada nova manifestação de Jeová na história não é redutível a uma manifestação anterior. A queda de Jerusalém exprime a cólera de Jeová, contra seu povo, mas não é a mesma que Jeová exprimira no momento da queda de Samaria. Seus gestos são intervenções pessoais na história e só revelam seu sentido profundo para seu povo, o povo escolhido por Jeová. Assim, o acontecimento histórico ganha uma nova dimensão: torna-se uma teofania⁸. (p. 97)

E continua,

O cristianismo vai ainda mais longe na valorização do Tempo histórico. Visto que Deus encarnou, isto é, que assumiu uma existência humana historicamente condicionada, a História torna-se suscetível de ser santificada. O *illud tempus* evocado pelos evangelhos é um Tempo histórico claramente delimitado – O Tempo em que Pôncio Pilatos era governador da Judeia -, mas santificado pela presença do Cristo. Quando um cristão de nossos dias participa do Tempo litúrgico, volta a unir-se ao *illud tempus* em que Jesus vivera, agonizara e ressuscitara – mas já não se trata de um tempo mítico, mas do tempo em que Pôncio Pilatos governava a Judéia. Para o cristão, também o calendário sagrado repete indefinidamente os mesmos acontecimentos da existência do Cristo, mas esses acontecimentos desenrolam-se na História. [...] O cristianismo conduz a uma teologia e não a uma filosofia da História, pois as intervenções de Deus na história, e sobretudo a Encarnação na pessoa histórica de Jesus Cristo, têm uma finalidade trans-histórica – a salvação do homem⁹. (p. 97 e 98)

⁸No sentido de revelação ou manifestação divina.

⁹Cabe ressaltar que as religiões monoteístas são religiões de revelação. Deus se revela a um determinado profeta ou por meio da encarnação de seu filho na terra, que se torna o portador de sua revelação.



Se todos os acontecimentos são fruto da vontade divina, então toda a vida, o tempo do viver, torna-se ainda que subordinado, sagrado¹⁰. É importante salientar que Deus, quando assume essa capacidade de intervir na História, torna-se muito mais presente na vida cotidiana, a sua onisciência e onipresença o capacita a vigiar e punir aqueles que se desviam do caminho da salvação, pois o ser humano é o ápice da criação e tudo mais existe para servi-lo.

A história cristã, conforme Koselleck (2006):

A história da cristandade, até o século XVI, é uma história das expectativas, ou, melhor dizendo, de uma contínua expectativa do final dos tempos; por outro lado, é também a história dos repetidos adiamentos desse mesmo fim do mundo. [...] o fim dos tempos só pôde ser vivenciado porque sempre fora colocado em estado de suspensão pela própria Igreja, o que permitiu que a história da Igreja se perpetuasse como a própria história da salvação. (p. 24 e 26).

Assim, no que tange às religiões monoteístas, o espaço de experiência¹¹ (passado) por ser histórico e ao mesmo tempo sagrado, é irreversível, o tempo que transcorre de forma linear conduzirá inexoravelmente ao julgamento final, a um horizonte de expectativa (futuro) que não pertence a esse mundo, quando então ocorrerá a salvação ou condenação de acordo com os méritos pessoais de cada indivíduo. O tempo presente distancia-se menos do passado e mais do futuro. O presente rememora esse espaço de experiência sem que possa dar a ele outras significações e à História sagrada, concebida nesse presente, cabe o papel de contextualizar e explicar os desígnios de Deus. Ao mesmo tempo o presente não pode alterar o horizonte de expectativa uma vez que esse pertence ao mundo do “além”.

10Neste artigo não será abordado de forma pormenorizada os rituais e/ou preceitos religiosos de cada uma das religiões monoteístas, somente uma análise de forma mais generalizada de como estes percebem e vivenciam o tempo e o “sagrado”.

11As denominações “espaço de experiência” (passado) e “horizonte de expectativa” (futuro) referem-se a uma preposição teórica desenvolvida por Koselleck em seu livro *Passado-Futuro* (2006), para a compreensão do tempo histórico. Segundo esse autor a relação existente entre passado e futuro varia de acordo com o momento histórico tanto no que se refere a um determinado indivíduo quanto uma coletividade/sociedade. A dinâmica entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa pode ser modificada a partir da relação desses com o tempo presente, que ora se aproxima mais de um do que de outro. Trata-se, portanto, da análise de um templo múltiplo que ao gerar diferentes tensões entre si pode alterar tanto a percepção de um determinado espaço de experiência, quanto o horizonte de expectativa. Essa relação, brevemente exposta, fica mais clara quando se analisa as questões temporais a partir da religiosidade do pós-moderno, conforme veremos mais adiante.



A experimentação do tempo sagrado para as religiões monoteístas, tal como está sendo abordado, se dá a partir da vivência submissa aos desígnios de Deus, na observância aos preceitos religiosos, reguladores dos valores e portador do código moral que deve nortear a vida cotidiana de seus praticantes e na participação diária, semanal, mensal ou anual de seus ritos, conforme as exigências particularizadas dessas religiões.

Faz-se necessário destacar que a Igreja Católica surge ainda na antiguidade¹², no século IV em Roma por um ato voluntário de seu imperador à época, Constantino. Durante todo o medievo a Igreja Católica aprimorou seus dogmas e seus preceitos teológicos¹³ e, por meio de uma imposição nada pacífica dominou grande parte dos povos europeus, dos quais o Novo Mundo tornou-se herdeiro. Determinou assim, um tipo de mentalidade e de postura diante da vida que só foi combatida, mas não extinta, com a gradativa substituição da fé pela razão, preconizada pelos iluministas na modernidade¹⁴.

5- A religiosidade do pós-moderno

A religiosidade do pós-moderno¹⁵ conhecida como Nova Era ou Era de Aquário¹⁶, surge como um movimento de contracultura religiosa, se assim pode-se dizer. A expressão “Nova Era”, conforme Aldo Natale Terrin¹⁷ (1992) é um termo “guarda-chuva” capaz de acolher tudo e o contrário de tudo. Como expressão de uma nova religiosidade, o termo “Era de Aquário” remete a teosófica Alice Bailey¹⁸. Não há

12O termo “Igreja Católica” surge após a institucionalização da mesma no início do medievo, após a queda de Roma. Quando o imperador Constantino institui o cristianismo como religião oficial de Roma a mesma era designada como Igreja Cristã.

13Esses “aprimoramentos” não criaram modificações significativas quanto à percepção do passado de cunho histórico e sagrado, muito menos no que refere ao futuro e ao juízo final no além-mundo.

14É também na Modernidade que a História enquanto campo de conhecimento adquire um caráter científico, deixando de ser essencialmente sagrada, teológica e/ou filosófica.

15Consideramos a Nova Era como uma religiosidade do pós-moderno seguindo os pressupostos de Aldo Natale Terrin (1992) em sua obra de mesmo nome, conforme consta nas referências.

16Segundo a astrologia, Aquário é um signo do elemento ar, regido pelos planetas Saturno e Urano. Enquanto Saturno relaciona-se com a estabilidade e a segurança, o planeta Urano indica o progresso por meio de repentinas mudanças, conduzindo a humanidade ao desenvolvimento e ampliação de sua consciência, visa o coletivo transcendendo as questões de cunho individualista.

17Aldo Natale Terrin é professor de Antropologia e de História das Religiões da Universidade de Milão.

18A Sociedade Teosófica foi fundada por Helena P. Blavatsky e Henry Olcott em 1875 na cidade de Nova York e atualmente está presente em quase todos os países ocidentais. Ocupa-se de revelar ao ocidente o ocultismo e esoterismo existentes no oriente, principalmente o que se pratica na Índia. Alice



uma data definida, porém, conforme João Lupi (2010) o marco inicial convencionado para essa nova religiosidade está na arte, no lançamento da composição “Aquarius” apresentada no musical estadunidense *Hair* (1967).

A Nova Era é algo de novo e de antigo que se mesclam para formar uma nova religiosidade. Pode ser considerada, em alguns aspectos, uma releitura do cristianismo, que se mistura a uma apropriação ocidentalizada das religiosidades orientais e de expressões religiosas muito antigas, que foram consideradas primitivas e arcaicas pela racional modernidade. Segundo Terrin (1992):

O novo e antigo se misturam e, se o novo é fascinante, o antigo vem de longe, de épocas anteriores ao próprio exercício tirânico e despótico da razão, vem do mundo do *transe* religioso e extático, da dança sagrada, traz consigo reminiscências da velha religiosidade “materna” e “natural” dos milênios que precederam o patriarcado e se veste de tudo que ontem parecia ridículo e irracional. A Nova Era, além dessa lufada de ar fresco que procura substituir o mundo asfocado em nível cultural e religioso das últimas décadas, traz também consigo o *revival* de um mundo antigo, recuperando uma sensibilidade espiritual passada, onde sagrado e profano se sobrepujam e onde dominava uma participação mística com a natureza. (p. 15)

A religiosidade do pós-moderno responde ao caos racional e à crise da ciência instaurada no pós-guerra, quando todos os valores são questionados e nada parece ter o sentido que tinha anteriormente. Dentre suas amplas características, algumas se destacam e ganham maior importância que outras.

A nova religiosidade e a consciência ecológica parecem caminhar juntas. Alegam que nada foi criado para servir ao “homem” e que existe uma união mágica entre tudo que existe, a natureza (e o que nela está contido) forma com o ser humano uma única e mesma realidade, uma relação que é ao mesmo tempo, simples e complexa, repleta de significado. A natureza ganha vida, magia e por isso é sacralizada. Assim, Deus torna-se a “alma” do mundo.

A Nova Era devolve o “espírito” ao corpo físico e o caminho para a “salvação” deixa de ser um percurso passivo marcado pela obediência e passa a ser empírico e pessoal. Tudo ocorre “aqui e agora” a partir do momento que cada indivíduo busca dentro de si a própria divindade, conforme Terrin (1992):

Bailey assumiu a presidência da Sociedade Teosófica em 1907, em seus escritos já encontramos menção a uma nova religiosidade ligada diretamente a Era de Aquário.



A verdadeira realidade, escondida por séculos, é o espírito, e para entrar em sintonia com ele é preciso fazer experiências de “transcendência” que ultrapasse este mundo, que superem os limites impostos pela ciência, até chegar a captar o absoluto, o si mesmo, o próprio Deus em nós. [...] Se fala do “potencial humano”, que deve ainda ser inteiramente descoberto e empregado na realização do homem; fala-se da religiosidade de fundo oriental, que deve ser privilegiada em relação às religiões institucionais, feitas de normas e de dogmas; fala-se de uma redescoberta do corpo como correlato do espírito¹⁹, e respectivamente, fala-se das “medicinas brandas”, das técnicas psicossomáticas²⁰, do contato com a natureza, do respeito a qualquer forma de vida, da primazia da visão totalizante sobre a concepção analítica, da superação da ciência²¹. (p. 19)

Também é preciso considerar a redescoberta do feminino em seu aspecto intuitivo e natural que se sobrepõe ao racional e analítico do mundo masculino. Assim como, a retomada de religiosidades ligadas ao feminino sagrado, a “Grande Mãe” dos druidas e a localidades ainda mais antigas, das quais só restam os escombros, como as civilizações do Vale do Indo, Mohenjo-Daro e Harappa, construídas no século XXVI a.C. Ainda que a religiosidade do pós-moderno não possa ser definida como exclusivamente cristã, algumas de suas dimensões são próximas a esta realidade e possibilitam um diálogo entre ambas²².

Em última análise, busca-se uma ampliação de consciência que extrapole o racional ligando-se mais ao intuitivo. O objetivo é que a consciência individual se amplie a tal ponto que possa se fundir com a consciência divina formando uma mesma realidade. Visto por esse ângulo, cada indivíduo passa a ser o idealizador de seu mundo.

Outra observação extremamente importante é a coexistência de percepções de tempo que são totalmente diferenciadas. Para as religiões monoteístas, como já

19Pode-se destacar a farta literatura a respeito dos meridianos, plexos e chakras que explicam a ligação entre o corpo físico e o espírito, apresentando técnicas para o desenvolvimento do potencial humano.

20Nesse ponto, Terrin remete-se as diferentes técnicas de meditação como a zen budista e os diferentes tipos de Yoga (do Hatha Yoga ao Tantra Yoga). Como medicina branda destaca as técnicas de acupuntura, shiatsu, dentre outras.

21Terrin enfatiza que a própria ciência adquire novas roupagens com traços que podem ser interpretados como complementares a nova religiosidade aludindo à psicologia transpessoal e a física do quanta.

22Os pentecostais e neopentecostais, assim como muitas igrejas que surgem na atualidade são consideradas como pertencentes ao movimento da Nova Era.



vimos, o tempo é linear enquanto que na perspectiva da religiosidade oriental²³ o tempo assume características cíclicas. O indivíduo evolui por meio de sucessivas reencarnações - “Roda de Samsara²⁴”, na qual se mantém até que consiga despertar em si o divino. É difícil precisar de que forma os adeptos à Nova Era percebem a passagem do tempo, se ainda de forma linear ou se assumem o caráter circular das religiosidades orientais, uma vez que trata-se de uma mescla de conceitos orientais que são apreendidos por meio de uma visão de mundo ocidental.

A par dessa percepção dicotômica, a religiosidade do pós-moderno muda de forma significativa a relação entre passado e futuro. Ao se apropriar de preceitos religiosos de diferentes campos de experiências (diferentes passados) no tempo presente, modifica em larga escala o horizonte de expectativa (o futuro). A salvação continua sendo objetivada, porém ela já não se encontra no além-mundo, é possível no aqui e agora por meio da experimentação do divino em si mesmo. O presente torna-se dinâmico, o “agora” adquire novo significado, como tempo real que pode ser percebido e sentido com maior materialidade.

É no presente embasado em uma perspectiva que mescla distintos campos de experiência que cada indivíduo gera o seu próprio horizonte de expectativa, uma vez que seu futuro estará permeado pelas consequências de seus atos no tempo presente. O indivíduo passa a ser o responsável por sua transcendência e por seu destino, Deus deixa de ditar regras como ser regulador e externo e passa a habitar o íntimo de cada um, estando em tudo e em todos, conforme Terrin (1992),

[...] o novo Deus feito de experiências, de emotividade, de variações do ânimo, de tendências místicas escondidas dentro de cada um de nós e passadas através do filtro atraente e cativante da espiritualidade oriental, que sabe apropriar-se de todos os sentimentos, do mundo da psique e da natureza com um sentido “holístico”, que deixa de lado toda lógica particular, todo silogismo e toda causalidade. (p. 101 e 102)

23Todas as religiões não monoteístas são “religiões de tradição” em que os deuses sempre existiram e sempre existirão. Possuem uma percepção do tempo que é cíclica e que se alicerça em conceitos como o renascimento (antigo Egito) e reencarnação (as demais tradições religiosas orientais). O tempo cíclico das religiosidades orientais, principalmente a indiana, é também uma espiral, pois é possível tanto a evolução quanto a involução, dependendo da relação existente entre Karma (causa e efeito dos atos conscientes) e Dharma (qualidades desenvolvidas que conduzem ao divino).

24Conforme a religiosidade indiana.



A busca da salvação quando observada pela ótica das religiosidades orientais é substituída por uma ideia ou perspectiva de evolução que ocorre por meio de sucessivas reencarnações. É preciso destacar que o termo “salvação” está diretamente relacionado à concepção monoteísta da criação e dependendo da religiosidade oriental esse mesmo termo pode ser desconhecido²⁵. Na religiosidade pós-moderna, que mistura de forma subjetiva conceitos ocidentais e orientais, muitas podem ser as formas de interpretação destes e de se chegar a essa transcendência. Um indivíduo pode crer em Cristo e em Buda ao mesmo tempo, participar de uma missa católica e entoar mantras e/ou meditar quando está em casa. Tudo é possível, desde que possa “evoluir” aproximando-se de seu íntimo divinizado.

O tempo sagrado adquire um novo significado. Trata-se muito mais de uma vivência individual do que coletiva constituindo-se em uma experiência subjetiva. Cada indivíduo ao se responsabilizar pela construção de sua transcendência define os caminhos que irá seguir. O tempo profano e o tempo sagrado se sobrepõem constantemente, uma caminhada matinal pode estar repleta de significados místicos e, portanto, o tempo gasto no ato de caminhar pode ser considerado sagrado. A própria respiração, quando consciente, pode significar mais do que apenas uma função orgânica.

Na religiosidade da pós-modernidade não existem regras pré-definidas, nem concepções teológicas previamente elaboradas. É preciso considerar que ela surge como uma resposta, que segundo Terrin (1992) é antropológica e instintiva para um desejo de humanidade e de “maternidade” de Deus. É um desejo de encontrar respostas que as religiões monoteístas e a razão moderna não foram capazes de oferecer.

6- Considerações finais

²⁵Para exemplificação do que fora exposto nos remetemos ao Bramanismo. Conforme Heinrich Zimmer (1986), o deus Brahman está em tudo é a essência e causa de tudo que vemos e não vemos. Está nas formas e em tudo que podemos sentir e perceber por meio de nossos sentidos, assim como é causa de manifestação é a essência em si. Para o Bramanismo não existem dualidades. Toda e qualquer manifestação são apenas partes, fragmentos de um todo e tudo está interligado e permeado por Brahman. Assim como o universo, múltiplo na aparência, mas uno em causa, meio e fim, o homem também o é. O princípio da unidade no homem, seu sopro vital é chamado de Atman. Assim, não é preciso ser salvo por Brahman porque forma com ele uma única e mesma realidade. Por meio das sucessivas reencarnações o indivíduo aprimora-se desenvolvendo sua consciência divina, despertando seu Atman.



Diante do que fora exposto, é possível notar uma diferenciação na relação temporal entre as religiões monoteístas e a religiosidade do pós-moderno. Uma dessas diferenciações está contida no significado que assume o tempo presente.

Monoteístas veem o presente como uma continuidade do passado, uma expressão da vontade divina e de sua atuação no mundo humano e, portanto histórica, enquanto o futuro se mantém no além-mundo. Cabe a eles observar os preceitos religiosos e acatar os desígnios de Deus materializado em seu presente. É submisso quanto ao processo, não podendo definir como o realizará, mas sim, seguir orientações previamente impostas e esperar pelo dia do juízo final para então descobrir seu destino: o paraíso ou o inferno²⁶. Desta forma, o presente rememora o passado que prescreve suas ações, enquanto permanece distante de um futuro que é em essência extrafísico.

Para a religiosidade do pós-moderno o tempo presente torna-se extremamente dinâmico. É no “agora” que o indivíduo pode realizar sua salvação/evolução, tornando-se ele próprio, divino. Deixa de ser submisso a um único processo passando a decidir como e de que forma o realizará. Não há regras pré-determinadas pelo passado, o presente se reapropria de diferentes conceitos e preceitos das antigas religiosidades do oriente, ao mesmo tempo em que resignifica sua relação com o outro, com a natureza e tudo que a constitui, traçando um caminho próprio, diferenciado e subjetivo para sua transcendência. Apesar de permanecer como eterno devir, o futuro passa a ser influenciado pelo tempo presente, uma vez que é sentido/percebido como o resultado das ações realizadas pelo indivíduo no agora. O presente passa a ser então um consistente elo entre o passado e o futuro

Talvez possa ser questionado o fato de que o religioso monoteísta (antigo ou pós-moderno) também exercita sua vontade ao escolher seguir os preceitos de sua religião, porém, é preciso enfatizar que não cabe a ele escolher como realizará seu processo, além disso, o divino continua do lado de fora, regendo e determinando os acontecimentos do presente, tanto quanto o fez no passado.

²⁶Destaca-se que o extremista muçulmano, como o chamado “homem-bomba”, segue pressupostos existentes em sua doutrina religiosa - “jihad”, a guerra santa. Ao agir conforme esse preceito está garantindo sua salvação.



No que se refere à percepção de tempo profano e tempo sagrado, uma distinção mais apropriada entre ambos só é possível nas religiões monoteístas, em que o sagrado está diretamente ligado a atos religiosos institucionalizados, ainda que os mesmos possam ser praticados na intimidade do lar, como por exemplo, as orações. Quanto à Nova Era essa distinção depende do que o próprio indivíduo entende por sagrado e de que forma este se aproxima ou se distancia do mesmo. Portanto, sagrado e profano assumem características mais institucionalizadas e coletivas quando nos referimos às religiões monoteístas enquanto que na religiosidade do pós-moderno essa percepção torna-se muito mais subjetiva e individualizada.

Referências:

BARROS, José D'Assunção. **O tempo dos historiadores**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

DORTIER, Jean-François. **Dicionário de Ciências Humanas**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes Ltda, 2010.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano. A essência das religiões**. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2010.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1998.

KOSELLECK, Reinhard. **Futuro Passado. Contribuições à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2006.

LUPI, João. Nova Era de Aquário. **História: Debates e Tendências** – v.9, n. 2, jul./dez. 2009, p. 364-375.

TEIXEIRA, Faustino, MENEZES, Renata (orgs.). **Religiões em movimento: o censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013

TERRIN, Aldo Natale. **Nova Era. A religiosidade do pós-moderno**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: **Costumes em comum**. São Paulo: Editora Schwarcz, 1998. p. 267 – 304

ZIMMER, Heinrich. **Filosofias da Índia**. São Paulo: Editora Palas Athena, 1986.

